

Há uma contradição entre o comunismo e o cristianismo? - Manuela D'ávila responde.

Segundo uma Pesquisa do Datafolha publicada em 2020 pelo jornal "Folha de S.Paulo", é relatado que 50% dos brasileiros são católicos e 31% evangélicos. O que torna o Brasil, um dos países com mais cristãos no mundo. A pergunta é - até que ponto a doutrina religiosa afeta os atos políticos?

“

Então para mim, nunca houve e não há uma contradição entre o que eu vivo como

”

Cristã e o que eu vivo como comunista - Manuela d'Ávila

Durante uma entrevista coletiva da turma de Jornalismo do primeiro ano da Faculdade Cásper Líbero, Manuela d'Ávila - jornalista e política brasileira - foi questionada sobre uma publicação feita em seu Twitter:



7:59 PM - 5 de jan de 2021 · Twitter for iPhone

Foto: Reprodução Twitter

Manuela foi perguntada sobre a contradição entre as doutrinas que afirma seguir - o comunismo e o cristianismo - e de que forma ela determina suas escolhas políticas, mediante a estas posições.

Respondendo a questão, a política e jornalista comentou que, para ela, não há contradição entre suas posições, alegou que não segue com os pensamentos dos “intermediários da fé” - como dito por ela - “*eu sigo os ensinamentos de um homem que, para mim, foi um revolucionário que ousou dizer diante de um estado opressor escravocrata que todos eram iguais diante de Deus*”

Ademais, ressalta os avanços progressistas que a própria Igreja tem feito - mesmo que ela alegue seguir uma crença cristã baseada no amor de Jesus, e não apenas nos mediadores da fé e princípios antigos da bíblia.

“O Papa Francisco tem hoje uma postura infinitamente diferente e progressista e é relacionado com as causas, sobretudo nos países pobres, diferente do que foi o Papa Bento XVI ou Papa João Paulo, que deriva e que é fruto do anticomunismo global”

É de conhecimento geral que a Igreja como forma de Instituição possui um histórico de doutrinação - que seria um conjunto de ideias pregadas aos religiosos como verdade de fé - o que é demonstrado em alguns momentos da história da humanidade, com uma posição nada humanista, sendo até mesmo racista e homofóbica, o que se relaciona diretamente com atos políticos.

Em um exemplo polêmico, a Igreja se coloca totalmente contra o aborto, justificando que o ato fere o respeito à vida - o que poderia explicar a sua criminalização em Estados confessionais católicos e até mesmo em países que se declaram laicos, mas que possuem uma vasta população adepta à religião.

Contudo, é importante que não considerem esta característica como um fator determinista, refletindo que a maior parte da população argentina, por exemplo, se declara católica e ainda assim, o Estado (sem religião oficial) descriminalizou o aborto, diferentemente do Brasil, que se encaixa nos mesmos padrões estatais com uma vasta população católica, mas segue com a ilegalidade deste método.

Por razões como estas, justificadas pelo progresso de movimentos humanitários no mundo, a Igreja necessitou se adaptar ao contexto. A Igreja Católica do Papa Francisco fez com que os religiosos aceitassem mais as questões que antes seriam totalmente proibidas ou vedadas. Um exemplo disso é demonstrado em um documentário, em que o Papa afirma que “pessoas homossexuais têm direito de estar em uma família”, frase que ocasionou destaque na mídia, que comentou sobre o conservadorismo dos religiosos estar se difundindo em um “progressismo cristão”, respeitando a vida, mas também as individualidades (como a sexualidade) de cada um.

Em contrapartida dos avanços progressistas mundiais, no Brasil, a religião segue duas rédeas.

A primeira delas, são aqueles que se colocam em uma posição semelhante a de Manuela d'Ávila:

“o cristianismo não é Igreja, é fé” - cristãos progressistas sociais (que podem frequentar, ou não, a Igreja), e em segundo, aqueles que se autodeclaram conservadores, em sua maioria de direita, que seguem os mandamentos dados pelos intermédios da Igreja - grupo colocado em evidência com a eleição de Jair Bolsonaro (que possui o apoio religioso como bandeira política) - e com o avanço do conservadorismo, alinhado ao fundamentalismo religioso que já é um fato na realidade brasileira, se expandindo para âmbitos políticos, como é exemplificado pela Bancada Evangélica no Congresso Nacional brasileiro (Frente parlamentar).

